

SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

PREDESTINAÇÃO GENÉTICA E SOCIAL: A CLONAGEM DE HITLER NO FILME MENINOS DO BRASIL

Debora Diniz e
Ana América Gonçalves Silva¹

O debate em torno da possibilidade da clonagem humana está repleto de metáforas religiosas, nas quais os cientistas são comparáveis aos deuses e a criatura clonada ao milagre da criação. Nessa nova cosmogonia científica, o genoma humano tornou-se o sinônimo de humanidade, do fundamento anímico que ordenaria e justificaria a supremacia da ordem social dos humanos. O filme **Os Meninos do Brasil** é um desses exemplos onde a ciência não apenas ocupa o espaço da religião como instituição disciplinadora da ordem, mas, principalmente, converte-se na instância capaz de garantir a permanência de determinados valores morais.² Produzido em 1978, período em que o debate sobre a clonagem era tão intenso quanto em tempos pós-Dolly, o filme **Os Meninos do Brasil** vem sendo referência obrigatória na literatura bioética sobre as implicações sociais e éticas da clonagem em seres humanos, muito embora a aposta na predestinação biográfica a partir da clonagem de Adolf Hitler tenha sido tímida, ao contrário do comumente noticiado pelas resenhas do filme.³

A trama do filme é sutil, havendo uma justaposição contínua entre as narrativas do médico Josef Mengele, foragido no Paraguai, e do famoso judeu caçador de nazistas, Ezra Lieberman, em Viena. Os dois mundos são postos em contato por um jovem caçador de nazistas que descobre uma reunião secreta de carrascos no Paraguai. Até a metade do filme, a história se desenrola tendo, por um lado, Mengele, ávido por conduzir seu projeto científico-moral que já dura mais de vinte anos - anunciado apenas como o ressurgimento do 4º Reich - e, por outro lado, Lieberman, que, informado do projeto de Mengele de 94 homicídios de homens de 65 anos em um período de dois anos e meio, põe-se a investigar as motivações de tal projeto. O tema da clonagem somente aparece próximo do final da trama. No roteiro, Lieberman, ao pesquisar uma série de mortes de homens de 65 anos, atenta para a semelhança fenotípica e de personalidade entre alguns dos filhos adolescentes das famílias visitadas durante a investigação.

O milagre científico de Mengele foi a produção de 94 crianças, repliques genéticas de Hitler e distribuídas em diferentes países europeus e americanos pela agência de adoções do regime nazista, durante a II Guerra Mundial. A audácia do projeto de Mengele, no entanto, não se resumia apenas à descoberta e ao domínio da técnica da clonagem em humanos e na aposta em valores morais do nazismo, mas, principalmente, no reconhecimento da fragilidade do *princípio da predestinação genética* como garantia para o

renascimento de Hitler.⁴ O filme não trata da clonagem de Hitler propriamente dita, tendo sido esse um período conhecido apenas pelos breves relâmpagos de memória de Mengele. Não se discute o que foi preciso, tampouco quanto tempo foi necessário para se ter o domínio sobre a técnica, o que contribui para que a clonagem pareça, segundo o filme, uma consequência natural da pesquisa médica nazista em seres humanos. A história de **Os Meninos do Brasil** parte da adolescência dos clones, o que corresponde à segunda fase do projeto científico-moral e, nas palavras de Mengele, talvez a fase mais importante, a que garantiria o sucesso do empreendimento técnico. Para Mengele, o idealizador do projeto, não bastava a semelhança genômica entre os 94 clones e Hitler; era preciso ir além: era preciso assegurar que a biografia familiar de Hitler fosse também replicada entre os clones, por isso era imperativa a morte "acidental" do pai de cada clone, repetindo a história traumática familiar do próprio Hitler.

Foi assim que o "milagre científico" de Mengele aproximou-se da perfeição. Seu projeto buscava não apenas reproduzir o código genético de Hitler, mas também garantir que o código genético dos clones fosse exposto às mesmas artimanhas do acaso da criatura original. Nessa busca pelo controle da natureza que tornou Hitler o grande líder nazista, Mengele procurou também controlar a cultura que moldou tal natureza. Nesse sentido, a genialidade do projeto científico-moral de Mengele não estava na descoberta da técnica da clonagem, na audácia de clonar um indivíduo tão controverso quanto Hitler, mas, principalmente, no reconhecimento de que o líder nazista não estava predestinado em seu código genético. Para que o 4º Reich ressurgisse entre os clones de Hitler, era preciso mais do que o patrimônio genético de Hitler. Era necessário reproduzir parte da estrutura que o socializou como pessoa humana.

O reconhecimento da família como um alvo prioritário para as ações de controle da moralização dos clones de Hitler é um passo decisivo na trama de **Os Meninos do Brasil**. Na impossibilidade de reproduzir todo o contexto histórico-social no qual Hitler fora socializado, era fundamental que eventos marcantes de sua biografia fossem reproduzidos entre os clones, na expectativa de que, por meio dos mesmos estímulos psicossociais, a natureza genética respondesse de maneira semelhante. Foi assim que, para além da *predestinação genética*, houve a *predestinação social* dos clones. As famílias adotantes dos clones deveriam ser semelhantes à família de Hitler: o pai deveria ser um homem idoso, funcionário público e dominador, ao passo que a mãe deveria ser uma jovem dona-de-casa e amorosa com a criança. Fatos decisivos da vida de Hitler, como a orfandade paterna, eram fundamentais para serem reproduzidos. A morte do pai de cada clone deveria ser "acidental", ocorrendo na mesma

SérieAnis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

fase na qual ocorreu na vida de Hitler. Somente de posse da sobreposição dos dois projetos de predestinação, o social e o genético, é que o empreendimento de Mengele passaria a ter chances de sucesso. A resistência de Mengele em aceitar pequenas modificações no traçado original do projeto (em especial pequenas mudanças de planos devido à interferência de Lieberman através das investigações) devia-se exatamente ao fato de ele não apostar na eficácia solitária da genética para o ressurgimento de Hitler a partir de um de seus clones. O argumento de defesa de Mengele, "...temos um horário que não pode ser modificado...", diante da possibilidade de atraso de quatro meses na condução do projeto a fim de acalmar as suspeitas de Lieberman, era o reconhecimento da fragilidade do projeto genético desprendido do controle minucioso das variáveis sociais.⁵

O mundo em laboratório criado por Mengele dependia do mundo real e, na busca pela ressurreição de Hitler, a história passada que o transformou em um líder era uma autoridade que não poderia ser desrespeitada. Se o primeiro passo era o domínio da técnica da clonagem e a criação de clones a partir de células de meio litro de sangue e um pedaço da costela de Hitler, o segundo passo, decisivo, seria garantir também o domínio sobre a cultura. Nesse sentido, diferentemente de todo o debate tradicional no campo da ética da clonagem, em que natureza e cultura são duas instâncias sobrepostas, este é um dilema que não tem sentido em **Os Meninos do Brasil**, uma vez que Mengele reconhece a soberania de ambas para o sucesso do projeto.⁶ Hitler somente ressurgiria a partir da certeza da combinação de seu patrimônio genético com a reprodução de sua história de vida.

Quando da primeira reunião para a formação da equipe que assassinaria os 94 homens, Mengele defendia a importância do projeto afirmando que "...o sucesso do empreendimento era a esperança da raça ariana...", referindo-se à sua iniciativa como uma missão sagrada.⁷ Ora, se os adjetivos que qualificam o projeto científico-moral de Mengele são exatamente esses - milagre científico, missão sagrada ou obra divina -, o que importa é ressaltar o quanto a incorporação do léxico religioso pela genética não é algo isolado e desprovido de sentido.⁸ A força essencialista do discurso genético, a possibilidade de renascimento de Hitler a partir da duplicação de seu código genético, é, ao mesmo tempo algo, fascinante e assustador. O mundo dos sonhos possibilitado pela clonagem - um termo sugerido pelo geneticista que assessora Lieberman a entender o que viria a ser uma reprodução mononuclear -, onde transbordariam Mozarts e Picassos, não tem o mesmo conteúdo que o imaginado por Mengele. A decisão de clonar Hitler foi fruto do reconhecimento de que não bastava somente a similitude genética com o original para que Hitler ressurgisse: era preciso haver a

ressurreição de Hitler, pois somente assim, o 4º Reich seria possível.

Desta forma, diferentemente de grande parte das análises mais recentes sobre clonagem em humanos, o filme **Os Meninos do Brasil** não confunde clonagem com ressurreição. Essas são duas categorias apartadas pela história e pela socialização. A perfeição do projeto de Mengele dependia diretamente da reprodução da biografia de Hitler em seus clones. Segundo Mengele, no derradeiro diálogo travado com Lieberman antes de morrer, "...Hitler decidiu não ter filhos, pois seria difícil ser criado à sombra de Deus... não era um filho ou cópia, mas o próprio original que estaria sendo criado com os clones...".⁹ Mas o clone de Hitler somente se converteria na criatura, na medida em que se garantisse o mesmo ordenamento social. Por isso foram produzidos 94 clones, um experimento com uma margem de erro impressionante, mas que se justificava pela enorme quantidade de variáveis não controladas (desde a morte precoce dos pais dos clones, até a não localização das famílias). O quociente genético de Hitler foi o que Mengele conseguiu garantir no mundo criado em laboratório, sendo preciso, ainda, o passo decisivo, a transformação desse quociente genético em Hitler. Para tanto, a interferência na socialização familiar era decisiva, uma vez que não fora possível clonar a família original do líder nazista.

Mengele produziu 94 clones de Hitler na expectativa de que ao menos um deles fizesse ressurgir o líder nazista para a década de 90. O interessante dessa aposta na clonagem para o ressurgimento do nazismo é, ao mesmo tempo, sua raiz geneista, isto é, a crença na superioridade da genética ariana, mas também o reconhecimento da inexistência do gene do destino. Hitler não estava previsto em seus genes, uma idéia vulgarmente defendida, na qual clone e criatura se confundem, havendo entre eles apenas um espaço temporal. Assim como outras analogias comuns, onde clones são comparáveis a gêmeos tardios ou robôs, clone e criatura são dois seres distintos, sendo preciso acompanhar o processo de humanização para que se determine em que grau haverá a ressurreição do original em seu clone. Neste sentido, Mengele estava consciente de que a profecia genética somente se concretizaria se houvesse um replique amplo da biografia de Hitler, por isso sua avidez em controlar as famílias dos clones e os episódios mais marcantes de suas vidas.

Por não haver gene do destino, a profecia genética necessita do jogo simbólico das moralidades para adquirir sentido e se retroalimentar. O diálogo entre Mengele e um dos clones de Hitler foi elucidativo sobre o quanto o investimento genético do médico precisava do suporte das moralidades para que surtisse efeito. Ao suplicar socorro frente à descoberta do assassinato do pai de um dos

Série Anis

Bioética • Ética • Feminismo • Gênero • Direitos Humanos • Justiça • Desenvolvimento Social

clones, Mengele apela para a verdade sobre a criação do garoto, na expectativa de que a revelação o demovesse da vingança: "...você é a duplicata do maior homem da história - Adolf Hitler...". A reação do garoto-clone-de-Hitler foi uma resposta direta à expectativa de Mengele de que a profecia genética se concretizasse face o anúncio da clonagem: "...você é louco...", disse o garoto, e, imediatamente, chamou a polícia.¹⁰ Diferentemente das tragédias gregas, onde o anúncio das verdades implicava no reconhecimento dos segredos mais ocultos, para a transformação de clone em criatura é preciso mais do que a duplicação genética ou o vaticínio da identidade. Para a ressurreição de Hitler, não bastava o domínio sobre a técnica da clonagem e Mengele estava consciente dessa limitação de seu projeto científico-moral. Para a transformação dos meninos vindos do Brasil (os clones de Hitler) em Hitler era preciso um investimento social e moral tão seguro quanto a certeza da eficácia da clonagem para o replique genético da criatura. E foi exatamente essa segunda fase do projeto, a interrompida pela força do acaso, onde Lieberman foi uma peça fundamental.

Nesse sentido, mais importante do que o debate sobre a clonagem de humanos, um tema de vanguarda discutido no filme **Os Meninos do Brasil**, o ponto-chave do enredo talvez seja essa tensão latente entre os projetos científico e moral de Mengele. O sentido da clonagem de Hitler não estava no domínio da técnica do replique genético por Mengele, mas sim na certeza da metamorfose do clone em Hitler, um processo de difícil controle, senão impossível, por parte dos idealizadores do projeto. Por isso, para aqueles que buscam resistir ou mesmo impedir o avanço da pesquisa genética, em especial a clonagem de animais humanos, a melhor opção não é propor moratórias ou leis que proibam a pesquisa, mas apostar no acaso, pois somente na incerteza do futuro é que estará a resposta para as dúvidas e os temores sobre quem vier a ser clone e qual será sua relação com a criatura.

¹ Debora Diniz é antropóloga, diretora da organização não-governamental ANIS: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero <d.diniz@anis.org.br>. Ana América Gonçalves Silva é enfermeira, pesquisadora da ANIS: Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero <a.america@anis.org.br>. Este artigo faz parte das atividades de pesquisa do **Programa Implicações Éticas e Sociais do Projeto Genoma Humano**, coordenado pela ANIS.

² **Os Meninos do Brasil**. Direção Franklin J. Schaffner. Produção Martin Richards. 1978. 123 minutos. O filme baseia-se na obra homônima de Ira Levin, escritor estadunidense, publicada em 1976. Em entrevista ao **The Book Report**, em 10/09/1997, Levin conta que passou a criar o enredo do livro a partir de uma entrevista sobre clonagem publicada na revista **The New York Times** (<http://www.bookreporter.com/bcr/author.asp?a>

uthor=68>, em 16/10/2001). O livro demorou seis anos para ser escrito.

³ Em "Clonagem, Mídia e Bioética", Sérgio Costa e Debora Diniz analisaram a referência ao filme na mídia brasileira após o anúncio da clonagem de Dolly. Regra geral, confundiu-se o domínio sobre a técnica na clonagem anunciado pelo filme com o replique biográfico da criatura clonada com seu original, uma questão diferentemente discutida em **Os Meninos do Brasil** (Costa, Sergio & Diniz, Debora. **Bioética: Ensaios**. Brasília. LetrasLivres. 2001: 83). Para um bom exemplo de resenha sobre o filme, sob a perspectiva da comunicação social, vide: Nova, Cristiane. "Meninos do Brasil". **Olho na História**, n. 04, <<http://www.ufba.br/~revistao/04nova2.html>>, em 16/10/2001.

⁴ Sobre o princípio da predestinação genética, vide Einsenberg, Leon "The Outcome as Cause: Predestination and Human Cloning". In : **The Journal of Medicine and Philosophy**, 1976, vol. 1, n. 4: 318-331.

⁵ **Os Meninos do Brasil**. Direção Franklin J. Schaffner. Produção Martin Richards. 1978. 123 minutos.

⁶ Um exemplo de filme onde a aposta na profecia genética é mais intensa do que em **Os Meninos do Brasil** é **Gattaca**. Para um comentário sobre o filme, vide: Diniz, Debora "Profecia Genética: um comentário ao filme **Gattaca**". In : Costa, Sergio; Diniz, Debora. **Bioética: Ensaios**. Brasília. LetrasLivres. 2001: 97-104.

⁷ **Os Meninos do Brasil**. Direção Franklin J. Schaffner. Produção Martin Richards. 1978. 123 minutos.

⁸ Nelkin, Dorothy; Lindee, Susan. **The DNA Mystique: The Gene as a Cultural Icon**. New York. W. H. Freeman and Company. 1995.

⁹ **Os Meninos do Brasil**. Direção Franklin J. Schaffner. Produção Martin Richards. 1978. 123 minutos.

¹⁰ **Os Meninos do Brasil**. Direção Franklin J. Schaffner. Produção Martin Richards. 1978. 123 minutos.

*Este artigo foi publicado em O Mundo da Saúde:

O Mundo da Saúde. Ano 26. v. 26. n. 1, Jan/Mar, 2002: 154-157. [ISSN 0104-7809]

Bibliotecária Responsável:

Kátia Soares Braga (CRB/DF 1522)

Jornalista Responsável:

Fabiana Paranhos (DRT/DF 2496)

Tiragem:

50 exemplares

Serviço Editorial:

Editora LetrasLivres
Caixa Postal 8011
CEP 70.673-970
Brasília-DF Brasil
+55 61 343 1731